

Collor modernizará economia, diz Zélia

Quaisquer que sejam as alianças ou acordos que vierem a ser formalizados pelo candidato Fernando Collor de Mello, para o segundo turno, não vão passar por qualquer alteração do programa econômico de governo, divulgado ao longo da campanha. A informação é da coordenadora econômica da equipe de Collor, Zélia Cardoso de Mello, que garante estabilizar a inflação em um ano e meio. A virtual ocupante do Ministério da Fazenda, caso o candidato seja eleito, não anunciou qualquer medida radical, mas afirmou que "a diferença é que será um governo com legitimidade e que vai cumprir o que promete".

Zélia Mello compareceu ontem ao Centro de Convenções de Brasília, onde permaneceu o tempo suficiente para ser abordada pela imprensa e ter uma crise de tosse que quase lhe tirou a voz. O programa do can-

didato Collor de Mello (ver página 3) prevê corte nos gastos públicos e acordos para reajustes de preços, ao contrário de congelamentos. Garante que o salário mínimo será aumentado progressivamente como efeito de uma política que deverá apresentar resultados nos primeiros seis meses.

A dívida externa terá uma "negociação soberana" que preserve o interesse de crescimento do País. Quanto à reforma agrária, item sempre presente na pauta dos partidos de esquerda, Zélia Cardoso de Mello considera apenas como um problema social que vai tratar, a exemplo do governo do general João Figueiredo, com tributos progressivos para combater as propriedades improdutivas. "A proposta é com o Imposto Territorial Rural (ITR) crescente", afirmou a economista. Essa medida foi

aplicada, no último governo militar pelo então ministro da Agricultura, Delfim Netto.

A assessora de Collor de Mello disse, ainda, que todos que estiverem comprometidos com a democracia, com o crescimento econômico e os assalariados serão beneficiados com o governo Collor: "Perde a ineficiência dos setores público e privado e os sonegadores".

O programa privilegia a eficiência e a modernidade, segundo Zélia, que disse ser o mesmo que vem discutindo com a população brasileira e, que ainda quer ouvir críticas para "desenvolvê-lo". Lembrou que grande parte da população não tem acesso, hoje, à saúde, à educação e ao transporte. "Entendemos que, se o Estado se organizar e se aparelhar melhor, poderá, logo, atender a essas necessidades básicas da população", afirmou.

RAIMUNDO PACCO



Zélia Cardoso de Mello no Centro de Convenções, ontem: Collor não negociará seu programa econômico